

# ESCRAVIDÃO E MUDANÇA SOCIAL NA ÁFRICA

Patrick Manning

*Tradução Nuno Ramos*

A última geração de africanistas, através de uma profunda revisão do sentido da mudança social na África, questionou em alguns pontos as concepções anteriores de que as mudanças na África pré-colonial tinham sua origem basicamente na influência de europeus e de outros estrangeiros. De acordo com esse antigo ponto de vista — ou seja, a imagem de uma África eterna —, as sociedades na África tropical, a não ser quando pressionadas pela crescente presença européia, mudavam num passo glacial. O fato de essa visão ter conseguido sobreviver até tempos relativamente recentes, ainda que apenas entre estudiosos cujos trabalhos enfocavam outras regiões, é ilustrado pela famosa caracterização da história africana por H.R. Trevor-Roper como o estudo das "nada gratificantes circunvoluções de tribos bárbaras num recanto pitoresco mas irrelevante do planeta". Contrastando com isso, um notável corpo de pesquisas recentes conseguiu demonstrar as características dinâmicas e inovadoras das sociedades africanas pré-coloniais, particularmente no terreno político, econômico e religioso<sup>1</sup>. Como resultado dessa nova produção, o comércio de escravos no Atlântico — a principal via de contato entre africanos e europeus da metade do século XVI até o final do XIX — deve agora ser tratado num contexto substancialmente diferente.

Este artigo foi traduzido da revista *American Historical Review*, volume 88, Nº 4, de outubro de 1983.

Por problemas técnicos, nem sempre foi possível fazer com que as notas aparecessem nas margens que lhes seriam adequadas. Quando isso ocorrer, favor procurar na página imediatamente anterior ou posterior.

O presente ensaio focaliza o impacto desse comércio sobre as sociedades pré-coloniais africanas. Em termos mais gerais, reconsidera-o a partir da importância relativa das fontes domésticas e externas para a mudança social no continente. Além de resumir as pesquisas sobre o assunto, espero mostrar, de um lado, de que modo os cânones da historiografia africana condicionaram as interpretações do papel exercido pelo tráfico sobre os escravos e, de outro, indicar quais as implicações dessas pesquisas recentes para interpretações mais amplas da história africana. Um conjunto de fatores demográficos e econômicos — alterações de preços, quantidade, idade e composição sexual da exportação escravista — e sua ligação com a estrutura social africana constituem o elemento-chave para a unificação dessas considerações empíricas e interpretativas.

As antigas interpretações e debates sobre a África e o comércio de escravos deixaram a sua marca. A visão de uma África eterna criou espaço para divergências quanto ao impacto do tráfico negreiro que souberam encontrar seu lugar na produção mais recente<sup>2</sup>. Interpretações contrastantes separam os que sustentavam que o comércio transatlântico de escravos trouxe grandes mudanças para as sociedades africanas dos que negavam que o tráfico houvesse perturbado a ordem social no continente. Archibald Dalzel, o comerciante de escravos e propagandista inglês do século XVIII, afirmava que a sociedade africana não era afetada, e citava o rei Kpengala do Dahomé em apoio à sua tese<sup>3</sup>. David Livingstone, o explorador e missionário de meados do século XIX, ao contrário, afirmava energicamente que a escravidão e o tráfico negreiro estavam devastando a sociedade africana<sup>4</sup>. Na virada do século XX Sir Harry Hamilton Johnston, importante figura imperial e estudioso amador, procurou sintetizar essas posições conflitantes numa interpretação que, de certa forma, é mais otimista do que ambas: "Abominável como foi, conduzindo a África tropical a guerras e rapinagens incessantes (...), o tráfico negreiro terá, não obstante, suas devastações reparadas por algumas poucas décadas de paz e segurança, durante as quais essa prolífera e inextinguível raça negra rapidamente se multiplicará"<sup>5</sup>.

Tanto as similaridades quanto as diferenças entre esses argumentos são esclarecedoras. As sociedades africanas, para Dalzel e Johnston, eram robustas e capazes de sofrer as pressões do tráfico; para Livingstone, eram frágeis e facilmente abaláveis. Os três, no entanto, partilhavam a visão estática das sociedades africanas. Embora tivesse sobrevivido intacta ao tráfico negreiro, a "prolífera, inextinguível raça negra", nas palavras de Johnston, não progredira — não adquirira a capacidade de fazer com que "os filhos comessem de um ponto mais elevado do que os pais"<sup>6</sup>. Em grande parte, essa visão da África eterna, enfatizando a estagnação e a resistência às mudanças, enraizou-se e sobreviveu na mente dos observadores devido à dificuldade de se conhecer quais mudanças haviam ocorrido. Essa dificuldade, por seu turno, provinha não somente da escassez e dispersão da documentação sobre a África pré-colonial, como também dos desvios

As pesquisas efetuadas para a execução deste ensaio foram subvencionadas pela Social Science Research Council. Versões anteriores do presente texto foram apresentadas no Atlantic Seminar, realizado na The Johns Hopkins University, em dezembro de 1981, e no Walter Rodney Seminar, efetuado na Boston University em abril de 1983. Gostaria de expressar uma gratidão especial para com Jean Hay e Leonard M. Thompson, pelos seus preciosos comentários.

(1) Trevor-Roper, "The Rise of Christian Europe", *The Listener*, 70 (1963): 871. Os historiadores que seguiram os recentes esforços de Hugh Trevor-Roper na autenticação de documentos acharam sua conferência para a rede BBC de televisão — com sua crítica do estilo jornalístico, da história baseada em discursos e batalhas e da história fora da Europa — bastante interessante. Pode-se apontar como estudos exemplares na tradição africanista, no campo da política, Ivor Wilks, *Asante in the Nineteenth Century* (Cambridge, 1975); no da história econômica, Philip D. Curtin, *Economic Change in Pre-colonial Africa: Senegambia in the Era of Slave Trade*, 2 vols. (Madison, Wisc., 1975); e no da religião, T.O. Ranger, *Revolt in Southern Rhodesia, 1896-7* (Londres, 1967).

(2) Embora os estudos sobre a África realizados antes da II Guerra Mundial tivessem uma visão depreciativa do continente, alguns deles constituem fontes valiosas sobre a escravidão e o comércio de escravos. Veja-se, por exemplo, Gustav Nachtigal, *Sahara and Sudan*, trad. de Allan G.B. Fischer e Humphrey J. Fischer, 3 vols. (Londres, 1975); e Capitão R.S. Rattray, *Asanti Law and Constitution*, (Oxford, 1929), 33-46.

de percepção que as diferenças culturais entre os observadores africanos e europeus acabavam por engendrar.

Historiadores contemporâneos especializados no continente obtiveram sucessos notáveis na tentativa de superar as falhas na documentação e as diferenças entre as culturas, e o número crescente de contribuições africanas para a discussão certamente também terá ajudado. Não obstante, esse desenvolvimento da tradição africanista não foi suficiente para decidir as questões sobre o papel do tráfico negreiro na África pré-colonial. Ao invés disso, as posições anteriores da contenda — se o tráfico negreiro exercia uma influência grande ou pequena no desenvolvimento histórico da África — alinharam-se como duas tendências interpretativas que cresceram em meio à literatura sobre o assunto. Basil Davidson, por exemplo, num texto do início dos anos 60, quando diversos países africanos estavam reconquistando sua independência, argumentava que, "Encarado como um fator da história africana, o contato pré-colonial com a Europa — em suma, o tráfico de escravos — tinha consequências poderosamente degradantes para a estrutura da sociedade". Alguns anos depois, John D. Fage trouxe para o debate novas dimensões sobre a magnitude do tráfico; concluiu que a perda, no século XVIII, de 4 milhões de pessoas na África Ocidental não reduziu sua população, e acrescentou, mais tarde, que as instituições sociais da região também não foram afetadas<sup>7</sup>. Utilizando em grande parte os mesmos dados, não deixando de levar também em conta o subdesenvolvimento, Walter Rodney argumentou que o tráfico negreiro, ao contrário, trouxe grandes prejuízos à economia e às estruturas políticas africanas<sup>8</sup>. Uma década depois, Joseph C. Miller sustenta, referindo-se à região central da África Ocidental, que o ciclo, gerado internamente, de seca, doença e fome fazia mais para limitar a população e promover mudanças sociais do que o impacto das exportações de escravos<sup>9</sup>.

Todos os participantes dessa recente discussão sobre o impacto do comércio de escravos no continente pressupuseram um dinamismo africano. Suas discordâncias dizem respeito à importância relativa que atribuem às forças externas de mudança. Poderão essas últimas, como sustentam Fage e Miller, ser minimizadas com segurança e tratadas como limites de uma situação cujos principais vetores eram domésticos? Esse enfoque analítico pode ser chamado de visão de uma "África emergente"; como a reconstrução da mudança social na África tornou-se cada vez mais detalhada, ele acabou adquirindo ampla influência no modo de pensar dos historiadores africanistas. Ou será que os fatores externos deverão ganhar prioridade na análise das forças pré-coloniais de mudança, como argumentaram Davidson e Rodney? Esta é a visão de uma "África engagée", que se detém tanto nestas interações quanto na evolução doméstica. A escolha entre ambas depende da averiguação de qual delas conduz a uma interpretação mais detalhada e, ainda, mais elegante do registro histórico.

A visão de John Fage do papel do tráfico de escravos na África pré-colonial dominou a opinião dos historiadores durante os anos 70.

(3) Dalzel, *The History of Dahomy, and Inland Kingdom of Africa*, (1793, reed. Londres, 1967), 217-21. Ver também Loren K. Waldman, "An Unnoticed Aspect of Archibald Dalzel's *A History of Dahomey*", *Journal of African History*, 6 (1965): 185-92; e I. A. Akinjogbin, "Archibald Dalzel: Slave Trader and Historian of Dahomey", *Journal of African History*, 7, (1966): 67-78.

(4) David Livingstone e Charles Livingstone, *Narrative of a Expedition to the Zambesi and its Tributaries* (New York, 1866), 481-92; e David Livingstone, *The Last Journals of David Livingstone*, ed. Horace Waller, 1, (Hartford, Conn., 1874): 62-65, 97-98.

(5) *A History of the Colonization of Africa by Alien Races* (2ª ed., Cambridge, 1913), 161-62; ver também *ibid.*, 91. Esse livro, revisito a partir da primeira edição de 1898, apareceu na "Cambridge Historical Series" e permaneceu, durante toda a primeira metade do século XX, como o mais respeitado texto geral sobre a história africana.

(6) Johnston, *History of the Colonization of Africa*, 162.

(7) Davidson, *Black Mother: the Years of African Slave Trade* (Boston, 1961), 277; e Fage, "Slavery and the Slave Trade in the Context of West African History" *Journal of African History*, 10 (1969): 393-404; "The Effect of the Export Slave Trade on African Populations" em *The Population Factor in African Studies*, 15, ed. por R.P. Moss e R.J.A. Rathbone, e "Slaves and Society in Western Africa, c.1445-c.1700", *Journal of African History*, 21 (1980): 289-310.

(8) Rodney, *How Europe Underdeveloped Africa*, (Londres, 1972), 103-11. Ver também Rodney, "African Slavery and Other Forms of Social Oppression in the Upper Guinea Coast in the Context of the Atlantic Slave Trade", *Journal of African History*, 7 (1966): 431-44.

Referindo-se à África Ocidental, Fage comparou as exportações escravistas do século XVIII, que chegavam a uma média de 40 mil por ano, com uma população que estimou em 25 milhões e uma taxa de crescimento de 1,5 por milhar — ou seja, algo em torno de 38 mil — por ano. Dessa forma, "a exportação de escravos no século XVIII deve ter emparelhado com o crescimento populacional, e suas consequências foram portanto mínimas, mesmo em seu apogeu". Para Fage, "A conclusão a que somos levados, portanto, é que enquanto na África Oriental e Central o tráfico negreiro, conduzido às vezes, no interior, por patrulhas de estrangeiros bastante hostis, podia ser extremamente destrutivo para a vida econômica, política e social, na África Ocidental fazia parte de um processo seguro de desenvolvimento político e econômico"<sup>10</sup>. De acordo com essa visão, os processos internos de evolução na África Ocidental eram poderosos o bastante para absorver, neutralizar e, quem sabe, até mesmo beneficiar-se com os resultados da participação nas exportações de escravos. Embora Fage admitisse que os efeitos negativos do tráfico poderiam ter sido maiores fora da África Ocidental, outros estudiosos argumentaram que, em particular na África Central, a população e as instituições sociais resistiram com sucesso às pressões do tráfico<sup>11</sup>. Essa é a visão de uma África emergente, aplicada à questão do impacto do comércio de escravos.

Basil Davidson e Walter Rodney, embora baseassem suas teses na suposição de uma sociedade africana em desenvolvimento, sustentaram, não obstante, que o tráfico de escravos lhe trouxe malefícios significativos. Sua visão é a de uma África *engagée*, que sofria com tal engajamento. Se olharmos mais detalhadamente, no entanto, veremos que seus argumentos não se apoiavam tanto na questão demográfica (ambos aceitavam que a população africana não declinou), mas sim na interrupção do progresso social e institucional. "Os anos de provação", como Davidson chamou a época pré-colonial, "foram anos de isolamento e paralisia sempre que o comércio com a Europa, essencialmente um comércio de escravos, conseguia introduzir a sua mão esterilizadora". Embora Davidson, com o argumento da troca de escravos por armas, e Rodney, com sua tese sobre o subdesenvolvimento, tenham alinhado exemplos notáveis em apoio a suas idéias, não foram no entanto capazes de desenvolver uma análise mais fundamentada e detalhada<sup>12</sup>. Além disso, sua visão do embate entre as influências européia e africana não descrevia tanto uma verdadeira interação mas antes a mutilação da segunda pela primeira. Sua interpretação, assim, retorna à imagem de Harry Johnston de uma África eterna, com a diferença de que tanto Davidson quanto Rodney enfatizam as contribuições negativas, ao invés das positivas, do contato com a Europa para o desenvolvimento africano.

A visão de uma África *engagée*, de argumentação reformulada, acabou por validar-se, no entanto, como estrutura adequada para a interpretação do papel do comércio de escravos na história da África pré-colonial. Os limites do argumento de Fage devem-se basicamente à sua abordagem

(9) Miller, "The Significance of Drought, Disease, and Famine in the Agriculturally Marginal Zones of West Central Africa", *Journal of African History*, 23 (1982): 30.

(10) Fage, "Slavery and the Slave Trade in the Context of West African History", 400.

(11) Roger Anstey, *The Atlantic Slave Trade and British Abolition, 1760-1810* (Cambridge, 1975), 79-82. John Thornton, numa análise dos censos portugueses sobre Angola de 1777-78, enfatizou a capacidade da população angolana de reconstituir-se apesar da perda de tantos escravos; num estudo posterior, no entanto, concluiu que a população da região diminuiu no auge da exportação de escravos. Thornton, "The Slave Trade in Eighteenth-Century Angola: Effects on Demographic Structures", *Canadian Journal of African Studies*, 14 (1980): 421-22, e "The Demographic Effect of the Slave Trade on Western Africa, 1500-1800", em *African Historical Demography*, 2 (Edimburgo, 1981), ed. por Christopher Fyfe e David McMaster: 691-720.

(12) Davidson, *Black Mother*, 273. Rodney sustentou que o desenvolvimento político da África continuou depois de 1500, mas não conseguiu conciliar essa posição com sua tese sobre o subdesenvolvimento. Compare-se seu *How Europe Underdeveloped Africa*, 103-23, com *ibid.*, 124-48. Para um crítica da teoria da troca de escravos por armas nos Estados da costa africana, veja-se Patrick Manning, "Slaves, Palm Oil, and Political Power on the West African Coast", *African Historical Studies*, 2 (1969): 279-88.

globalizante: ele não se deteve muito na distinção dos escravos por sexo ou idade, nem no impacto, com o passar do tempo, das alterações da quantidade de escravos e dos preços. Se combinarmos o detalhamento dos dados com uma análise baseada em princípios demográficos e numa teoria dos preços, obteremos resultados diferentes, e algumas vezes até contraditórios, dos que foram aceitos anteriormente. A interação da demanda do Novo Mundo por escravos com condições domésticas africanas acabou criando condições — bem antes da corrida européia pela posse de colônias na África no final do século XIX — para que as mudanças sociais fossem largamente disseminadas. Estas mudanças incluíram a expansão e subsequente transformação da poliginia, o desenvolvimento de dois diferentes tipos de escravidão no continente, a criação e subsequente empobrecimento de uma classe de mercadores africanos e a expansão final da escravidão nas décadas anteriores às lutas do final do século XIX. Embora as mudanças mais profundas causadas pela integração do tráfico com as condições locais tivessem ocorrido ao longo da costa ocidental, quase todas as regiões africanas foram influenciadas, num determinado momento, pelo comércio de exportação.

Pesquisas recentes conseguiram lançar uma luz notável sobre as dimensões da exportação de escravos na África. Complementando a já bastante conhecida estimativa de Philip Curtin sobre o volume do comércio transatlântico de escravos, Ralph A. Austen avaliou, mais recentemente, o comércio através do Saara, do Mar Vermelho e do Oceano Índico<sup>13</sup>. Os resultados dessa pesquisa, atualizados de forma a levar em conta a maior parte das revisões posteriores, são apresentados no *gráfico 1*. O volume de exportação é ali mostrado através da estimativa anual média para três grandes regiões africanas: a costa ocidental (do Senegal até Angola), as savanas do norte e o Chifre da África (do Senegal até a Somália) e a costa oriental (do Quênia até Moçambique e Madagascar)<sup>14</sup>. Em termos de composição etária e sexual, havia uma incidência bastante grande de jovens adultos, que eram mais valiosos e tinham mais chances de sobreviver às provações da escravidão. As crianças, que constituíam normalmente quase a metade da população das sociedades da época, não eram proporcionalmente representadas no tráfico. Na região Atlântica, a maioria dos escravos trasladados era masculina, numa proporção em relação às mulheres de quase dois para um. Essa proporção sexual variava, entre outros fatores, de acordo com a região da costa em que os escravos eram embarcados: os homens de Angola, provenientes de regiões bem distantes da costa, ultrapassavam as mulheres em quase três para um e essa mesma proporção se mantinha na baía de Biafra e outras regiões próximas do mar<sup>15</sup>. Para os escravos exportados para o Oriente Médio, essa proporção se invertia: as mulheres superavam os homens<sup>16</sup>. Os preços dos escravos africanos, no entanto, não são tão conhecidos quanto a quantidade e composição sexual. Os principais estudos realizados até hoje sugerem, não obstante, o modelo traçado no *gráfico 2*, que mostra a estimativa de preço

(13) Austen, "The Islamic Red Sea Slave Trade: An Effort at Quantification", *Proceedings of the Fifth International Conference on Ethiopian Studies*, (Chicago, 1979), 443-67; e "The Trans-Saharan Slave Trade: a Tentative Census", em *The Uncommon Market: Essays in the Economic History of the Atlantic Slave Trade*, (New York, 1979), 27-76, ed. por Henry A. Gemery e Jan Hogendorn; e Curtin, *The Atlantic Slave Trade: a Census*, (Madison, Wisc., 1969).

(14) Quanto às demais regiões do continente, a África do Sul e a Namíbia, embora não fossem totalmente alheias à escravização doméstica e à importação de escravos, quase não exportaram cativos; o Norte da África, por seu lado, só importava. A intensidade da escravização variava muito nas regiões de exportação, e mesmo em áreas contíguas a dissimilaridade prevalecia: Togo exportava poucos escravos e a Costa do Ouro, muitos; Gabão poucos, Congo muitos.

(15) Patrick Manning, "The Enslavement of Africans: a Demographic Model", *Canadian Journal of African Studies*, 15 (1981): 517.

(16) Austen, "The Trans-Saharan Slave Trade", 44.

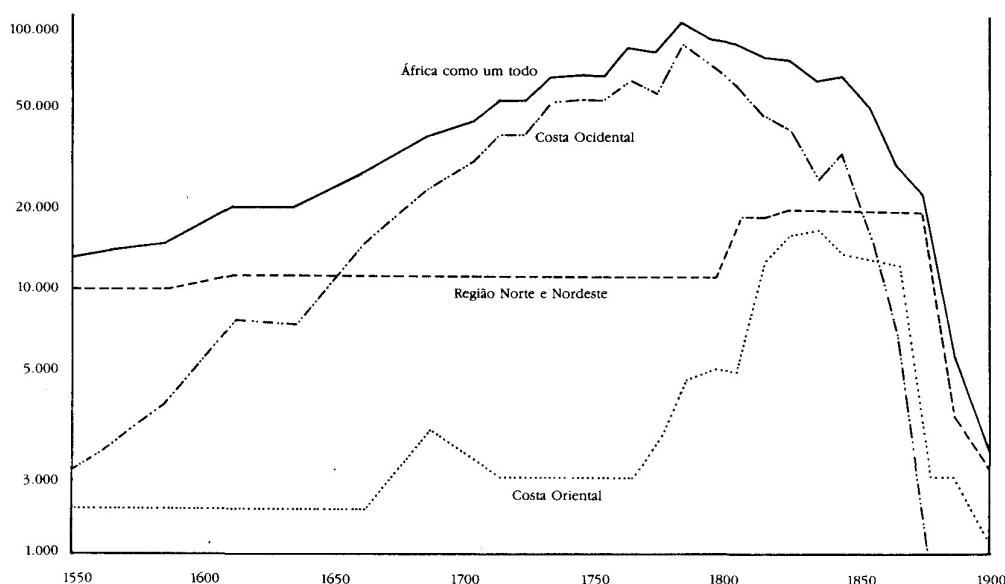
(17) Os preços são dados em libras esterlinas de 1913 por ser esse o último ano de uma estabilidade de preços que já durava dois séculos; a elevação dos preços durante os séculos XVIII e XIX esteve fundamentalmente associada às guerras napoleônicas. Quando essas terminaram, os preços voltaram aos níveis anteriores.

(18) Sobre a variação de preços, ver Richard N. Bean, *The British Trans-Atlantic Slave Trade, 1650-1775* (Nova York, 1975), 158-59; e Frederick Cooper, *Plantation Slavery on the East Coast of Africa*, (New Haven, 1977), 123, 136-37.

de compra de escravos na costa ocidental da África (em valores atualizados em libras esterlinas de 1913)<sup>17</sup>. Esses preços representam, assim, os ganhos reais dos vendedores africanos. Em meio a esse quadro global, houve uma variação local bastante acentuada, assim como grandes flutuações associadas a surtos de fome, epidemias e guerras<sup>18</sup>. Os preços da população escrava feminina subiram um pouco depois e sofreram flutuações menores do que os da população masculina.

Esses índices de volume e de preços de escravos refletem as variações da demanda africana, do Oriente Médio e, especialmente, do Novo Mundo. Os compradores nativos africanos avaliavam as mulheres a um preço superior ao dos homens, já que sua produtividade social (não apenas como domésticas e esposas, mas também como trabalhadoras) excedia a produtividade econômica do homem (enquanto trabalhadores para a agricultura ou artesãos). No Norte da África e no Oriente Médio, a demanda relativa por mulheres era ainda maior do que nas regiões abaixo do Saara, embora os escravos homens fossem ali empregados como trabalhadores na agricultura ou no serviço militar. Os escravos mais caros no Oriente Mé-

GRÁFICO I  
Estimativa da média anual de escravos exportados da África



Nota: As quantidades acima são estimadas, com uma margem aproximada de erro de 10%. O gráfico pretende mostrar volumes de exportação da África, embora em alguns casos refira-se às importações nas Américas.

Fontes: Paul E. Lovejoy. "The Volume of the Atlantic Slave Trade: a Synthesis". *Journal of African History*, 23, 1980:480-81, 485, 490. Philip D. Curtin. *The Atlantic Slave Trade: A Census*. Madison, Wisc., 1969. Ralph A. Austen. "The Islamic Red Sea Slave Trade: an Effort at Quantification". *Proceedings of the Fifth International Conference on Ethiopian Studies*, Chicago, 1979, 443-67 e "The Trans-Saharan Slave Trade: a Tentative Census", in Henry A. Gemery and Jan S. Hogendorn (orgs.), *The Uncommon Market: Essays in the Economic History of the Atlantic Slave Trade*. New York, 1979: 27-76. Edward A. Alpers. *Ivory and Slaves from the East Coast of Africa*. Berkeley e Los Angeles, 1975: 187, 213, 238, e Allen F. Isaacman. *Mozambique: the Africanization of a European Institution*. Madison, Wisc., 1972: 86, 92.

dio, no entanto, eram os eunucos, o que só acentua o direcionamento basicamente feminino da escravidão nessa região<sup>19</sup>.

O Novo Mundo, nesse meio tempo, solicitava, em sua maior parte, escravos homens, cujo preço era superior ao das mulheres. Entre os anos 1650 e 1800, a alta produtividade do trabalho escravo no Novo Mundo e o alto poder de compra dos proprietários de escravos, particularmente na indústria do açúcar, criaram um nível de demanda que dirigiu o preço em todo o mundo. Como essa demanda não cessou no século XVIII, tanto o preço das mulheres quanto o dos homens elevaram-se na África e no Oriente Médio, o que tendia a inibir a demanda de escravos nessas regiões. Mas no final do século XVIII, a demanda do Novo Mundo atingiu o seu ápice e começou um lento declínio, causado por uma ampla gama de razões: o crescimento desordenado da produção açucareira, a campanha cada vez maior contra o tráfico e, logo depois, o aparecimento de uma alternativa para a produção de açúcar, a beterraba européia, e a abertura de novas fontes de trabalho no Novo Mundo. Os sucessivos passos para a abolição do tráfico — primeiro no Atlântico e em seguida no Oceano Índico, no Norte da África e na Ásia — causaram um declínio na demanda externa por escravos africanos e uma queda vertiginosa nos preços. Desse ponto

GRÁFICO II  
Preço de escravos exportados da Costa Ocidental da África



Nota: Preços em libra esterlina de 1913.

Fontes: Richard N. Bean, *The British Trans-Atlantic Slave Trade 1650-1775*, New York, 1975: 135-60. E. Phillip LeVeen, *British Slave Trade Suppression Policies, 1821-65*, New York, 1977: 8. Patrick Manning, *Slavery, Colonialism and Economic Growth in Dahomey, 1640-1960*, Cambridge, 1982: 332-34.

em diante, a demanda interna, ao invés da externa, é que passa a governá-los<sup>20</sup>. A expansão da escravidão africana no século XIX coincide, dessa forma, com o declínio da exportação não apenas porque mais escravos permaneceram na África mas também porque se tornaram mais baratos.

Essa perspectiva continental sobre a demografia e a economia da exportação de escravos é suplementada e confirmada pelo número crescente de estudos locais detalhados, cujas contribuições incluíram o número total, ano a ano, de escravos exportados, especificações a respeito de quais grupos étnicos participavam do tráfico, descrições das técnicas de escravização, análises da demografia da população remanescente e análises das condições da produção escrava na África<sup>21</sup>. A emergência de amplos padrões de análise permitiu, mais tarde, que diversos estudiosos propusessem modelos demográficos mais genéricos. Ao dimensionarem o tamanho e a composição da população escrava envolvida no tráfico, estes modelos acabam revelando implicitamente o tamanho e a composição da população africana remanescente. Eles têm em mira, em geral, a costa ocidental da África, mas o resto do continente não deixou de receber alguma atenção. Tudo indica que se estabelecia uma "área de captura" por trás de uma determinada faixa da costa da qual os escravos eram retirados, o que incluía uma população periférica que os descobria e uma população central que tanto os capturava como encaminhava uma parcela deles ao mercado externo<sup>22</sup>. Estes modelos, que adotam dois períodos de mortalidade (quando da captura e quando do traslado), foram utilizados para favorecer o argumento de que a exportação de escravos reduziu a população tanto dos grupos mais duramente atingidos quanto de regiões inteiras da África e, além disso, de que uma grande distorção na composição dos grupos populacionais foi causada pela idade seletiva e pelas características sexuais dos escravos. Assim, os modelos utilizados para organizar os dados sobre a demografia e o preço da exportação de escravos ajudam a avaliar seu impacto sobre a sociedade africana em cada momento da grande expansão e eventuais declínios da demanda. Utilizá-los significa adotar explicitamente a visão de uma *Afrique engagée*.

Os registros das primeiras explorações portuguesas ao longo da costa africana confirmam que a escravidão já existia na antiga África — como, de resto, em quase todos os cantos do mundo. Ao lado da escravidão, a poligínia e a monarquia tiveram um nítido desenvolvimento nas sociedades africanas do século XV, especialmente nas de Jolof, Benin e Congo<sup>23</sup>. Antes que o Novo Mundo dominasse o mercado africano de escravos, o tráfico negreiro para o Oriente Médio já drenava, de modo lento mas ininterrupto, a população local. Embora seja bastante difícil reconstruir em detalhe as variações temporais e regionais, tudo indica que as mulheres atravessaram o deserto até o Marrocos, Trípoli, Egito e Arábia do Sul em número superior ao dos homens, deixando assim mais homens do que mulheres nas savanas africanas. Os escravos nesses casos eram geralmente obtidos na guerra; os vencedores adquiriam mulheres para seus haréns, ho-

(19) Austen, "The Trans-Saharan Slave Trade", 44-46; e Roberta Ann Dunbar, "Slavery and the Evolution of Nineteenth-Century Damagaram", em *Slavery in Africa: Historical and Anthropological Perspectives*, (Madison, Wisc., 1977), 161, ed. por Suzanne Miers e Igor Kopytoff.

(20) Claude Meillassoux, "Rôle de l'Esclavage dans l'Histoire de l'Afrique Occidentale", *Anthropologie et Sociétés*, 2 (1978): 130-131.

(21) Para o total ano a ano das exportações de escravos, ver David Birmingham, *Trade and Conflict in Angola*, (Oxford, 1966), 137, 141, 154-55; e Joseph C. Miller, "Legal Portuguese Slaving from Angola: Some Preliminary Indications of Volume and Direction, 1760-1830", *Revue Française d'Histoire d'Outre-Mer*, 62, (1975): 135-71. Sobre a identificação de grupos étnicos específicos, ver Patrick Manning, *Slavery, Colonialism and Economic Growth in Dahomey, 1640-1960*, (Cambridge, 1982), 335-43. Sobre os métodos de escravização, ver David Northrup, *Trade without Rulers: Pre-Colonial Economic Development in South-Eastern Nigeria*, (Oxford, 1978), 65-80. Sobre a demografia da população remanescente, ver John Thornton, "The Slave Trade in Eighteenth-Century Angola", 417-27. E, para uma análise da escravidão na África Ocidental, ver Cooper, *Plantation Slavery on the East Coast of Africa*, 153-212.

(22) Manning, "The Enslavement of Africans", 499-526; John Thornton, "Demographic Effect of the Slave Trade on Western Africa", 691-720; e J.E. Inikori, introdução a *Forced Migration: the Impact of the Export Slave Trade on African Societies*, ed. Inikori, 19-42 (Londres, 1982).

(23) Curtin, *Economic Change in Precolonial Africa*, 1: 8-11; A.F. Ryder, *Benin and the Europeans, 1482-1897*, (Londres, 1969); e Vansina, *Kingsdoms of the Savanna* (Madison, Wisc., 1966), 38-46.



mens para os seus campos e escravos adicionais para exportação. Nas savanas africanas, assim, os perdedores cediam parte de sua população aos vencedores, que criavam uma classe servil, predominantemente masculina e destinada à agricultura, da qual alguns elementos eram selecionados e promovidos a soldados, domésticos ou burocratas. Era assim que as coisas se passavam, nos séculos XVI e XVII, em Songhai, Borno e Sinner<sup>24</sup>. As restrições à expansão da escravidão nesses Estados correspondiam aos limites de poder dos soberanos e à estreiteza do mercado para os bens produzidos pelos escravos. O crescimento inicial desse sistema das savanas pode ter servido, por seu turno, para reforçar o desenvolvimento da escravidão, já que alargou a área do continente envolvida antes da era do contato marítimo com os europeus.

É pouco provável que o comércio atlântico de escravos ultrapassasse, antes de 1650, 10 mil indivíduos por ano. Seu impacto total sobre o continente era, assim, pequeno, embora as experiências de determinadas regiões prefigurassem já as pressões mais pesadas que foram subsequentemente percebidas em escala mais ampla. O reino do Congo, por exemplo, tornou-se no século XVI a principal fonte de escravos para as plantações de açúcar de São Tomé, e numerosas fontes confirmam o efeito corrosivo desse fato em sua estrutura política e a expansão da cristandade na região<sup>25</sup>. A costa da Alta Guiné fornecia, no século XVII, um grande número de escravos (predominantemente homens) para servir como trabalhadores no Novo Mundo, e relatos de observadores contemporâneos indicam a existência de uma sociedade predominantemente feminina que teria permanecido para trás, onde as mulheres cuidavam da agricultura e da pesca de forma a assegurar a produção necessária<sup>26</sup>. Embora somente essas duas regiões, Senegâmbia e, talvez, o reino de Benin, exportassem já nessa época escravos em quantidade suficiente para alterar a composição e o tamanho da população, virtualmente todas as regiões da Costa Ocidental do continente forneciam escravos para compradores europeus antes de 1650. Mas esse não se tornará ainda o principal produto de exportação do continente: as exportações de ouro, especialmente na Costa do Ouro, excederam o valor das exportações de escravos até o final do século XVII<sup>27</sup>.

Assistimos, na virada do século XVIII, a uma mudança qualitativa no comércio de escravos; em trinta anos, os preços quadruplicam-se. Do final do século XVI até a metade do século XVIII, há um crescimento médio de 2 % ao ano na quantidade de escravos que atravessam o Atlântico. O motor desse aumento na demanda é o sistema de plantação de açúcar, conforme ao Brasil vão se juntando Barbados, Jamaica, Martinica e outras colônias. Por volta de 1650, o Novo Mundo desbancara já o Oriente Médio enquanto principal destinatário das exportações de escravos africanos. Durante os últimos anos de estabilidade de preços no século XVII, os fornecedores africanos desenvolveram métodos eficientes para aumentar as entregas sem sobrecarregar os custos<sup>28</sup>. No início do século XVIII, no en-

(24) Meillassoux, "Rôle de l'Esclavage dans l'Histoire de l'Afrique Occidentale", 119-28; J.-P. Olivier de Sardan, "Captifs Ruraux et Esclaves Impériaux du Songhay", em *L'Esclavage en Afrique Précoloniale*, ed. Claude Meillassoux (Paris, 1975), 11-13; e J.L. Spaulding, "Farmers, Herdsmen and State in Sinner", *Journal of African History*, 20 (1979): 339-45.

(25) Vansina, *Kingdoms of the Savanna*, 45-69.

(26) John Thornton, "Sexual Demography: the Impact of Slave Trade on Family Structure", estudo apresentado no encontro anual da Canadian Association of African Studies, ocorrido em Toronto, de 11 a 14 de maio de 1982.

(27) Richard Nelson Bean, "A Note on the Relative Importance of Slaves and Gold in West African Exports", *Journal of African History*, 15 (1974): 351-56. Sobre as origens étnicas dos escravos, ver Frederick Bowser, *The African Slave in Colonial Peru, 1524-1650* (Stanford, 1974), 40-41; e Curtin, *The Atlantic Slave Trade*, 113.

(28) Bean, *Trans-Atlantic Slave Trade*, 69. Indicações de que os preços nessa época haviam caído a um nível anterior encontram-se em Ray A. Kea, *Settlements, Trade and Politics in the Seventeenth-Century Gold Coast* (Baltimore, 1982), 198-200.

tanto, os africanos tinham já atingido os limites de sua habilidade para fornecer escravos baratos, e os preços subiram dramaticamente. Os custos aumentaram na medida em que os cativos, mais providentes, aprenderam a defender-se melhor e, além disso, conforme aprisionadores grandes e médios interpunham-se no processo de entrega. Por essas razões, além do efetivo declínio populacional, os escravos começaram a escassear, diante do nível da demanda. O aumento de preços desse período acabou produzindo uma espécie de mercado mundial de trabalho escravo, no qual os preços e a demanda do Novo Mundo eram tão altos que modificaram o preço e a quantidade de escravos envolvidos não somente na costa ocidental como também em outras regiões do continente<sup>29</sup>.

Duas regiões africanas sofreram, na virada do século XVIII, a maior parte do ímpeto expansivo das exportações de escravos: a Baía de Benin e a Costa do Ouro. Ambas passaram por numerosas guerras envolvendo todos os pequenos estados próximos à costa, que forneciam escravos para serem vendidos aos europeus. Para a Costa do Ouro isto significou que, durante um certo tempo, o ouro deixa de ser o principal produto de exportação local; para a Baía de Benin, significou o ingresso no comércio atlântico de larga escala. Em ambos os casos, o volume de exportação de escravos atingiu em três décadas um nível tal que provocou a diminuição da população local; depois disso, as exportações começaram a declinar lentamente. Pode-se verificar, em épocas e regiões diferentes, padrões semelhantes de crescimento das exportações até os limites de tolerância populacional, com um subsequente declínio paulatino. No caso da Alta Guiné, a parte mais substancial das exportações de escravos ocorreu entre 1600 e 1630. Na Senegâmbia, depois da erupção do século XVI, foi somente no final do século XVII que elas atingiram seu ápice. Na Baía de Biafra, subiram entre 1740 e 1760, e permaneceram num nível bastante alto até a década de 1820. A costa de Loango experimentou um primeiro aumento abrupto nas exportações entre 1720 e 1740 e um segundo, ainda maior, entre 1780 e 1800. Angola passou também por dois grandes surtos, o primeiro em meados do século XVII, que teve por resultado um declínio no número de escravos, e o segundo entre 1720 e 1740, que manteve o nível das exportações elevado até o século XIX<sup>30</sup>.

Cada uma dessas súbitas expansões do tráfico negreiro causava — refletia — mudanças no método e na moralidade da captura de escravos. Guerras, processos judiciais e rapto eram os principais métodos da obtenção de escravos. A guerra predominava na maior parte da África Ocidental, o rapto na Baía de Biafra e os processos judiciais na África Central. Ray Kea documentou, a respeito da Costa do Ouro, mudanças na tecnologia e na organização social da guerra que precederam a expansão das exportações de escravos, à medida que a guerra foi-se transformando de combate de elites, com objetivos estritos e defensivos, num combate baseado na mosquetaria, no *levée en masse*, e em objetivos de conquista territorial, um fluxo proporcionalmente inesgotável de conflitos foi liberado<sup>31</sup>. Na

(29) Para que se demonstre a existência de um mercado continental de escravos, é preciso demonstrar antes que o deslocamento de cativos em diversos pontos da África responde à flutuação dos preços. Um conjunto documentado de deslocamentos de curta distância, no entanto, serve tão bem como deslocamentos de longa distância. Veja-se, a esse respeito, relativamente ao Marrocos, Allan R. Meyers, "Class, Ethnicity and Slavery: the Origins of the Moroccan 'Abid'", *International Journal of African Historical Studies*, 10 (1977): 443-61.

(30) Curtin, *The Atlantic Slave Trade*; Phyllis M. Martin, *The External Trade of the Loango Coast, 1576-1870* (Oxford, 1972), 91; e Birmingham, *Trade and Conflict in Angola*, 137, 154-55.

(31) Kea, *Settlements, Trade, and Politics in the Seventeenth-Century Gold Coast*, 322-36.

Baía de Benin, uma transformação similar acompanhou a ascensão das exportações.

As guerras eram provocadas pelo desejo de vender escravos ou a captura de cativos ocorria em guerras travadas por outros motivos? Desde que o comércio atlântico de escravos teve início, observadores do assunto vêm debatendo a questão inconclusivamente. Em apoio à visão de uma África emergente, Philip Curtin opôs um modelo político de escravidão a um econômico, e concluiu que as evidências apontavam para o político<sup>32</sup>. E. Phillip LeVeen respondeu pelos economistas. A decisão de exportar escravos, capturados de acordo com o que foi proposto no modelo político, dependia do nível dos preços; a exportação, portanto, ao contrário da captura, conjuga-se com o modelo econômico<sup>33</sup>. A questão decisiva, aqui, é a capacidade de reação da oferta de escravos de exportação às variações de preço. Mesmo em áreas pequenas e bem definidas, houve com o passar do tempo uma flutuação bastante acentuada no fornecimento de escravos. Grande parte dessa aparente desordem pode, no entanto, ser explicada se distinguirmos períodos em que o sistema de suprimento de escravos se mostra estável e capaz de reagir aos preços (1730 a 1800 na Baía de Benin) de outros períodos em que a capacidade de fornecimento da mercadoria estava ou aumentando radicalmente (1740 a 1780 na Baía de Biafra) ou declinando (1690 a 1730 na Baía de Benin)<sup>34</sup>. Esses três exemplos podem ser situados no interior da visão de uma *Afrique engagée*. Na Baía de Benin, no século XVIII, as forças domésticas e externas equilibravam-se; na Baía de Biafra, em meados do século XVIII, as condições domésticas mudavam mais rapidamente do que as condições externas poderiam explicar; e na Baía de Benin, de fins do século XVII ao início do XVIII, a principal fonte de mudança sócio-demográfica era a influência externa.

Conforme a demanda de escravos se mantinha em crescimento, aumentavam as oportunidades para práticas restritivas e monopolísticas. Richard Nelson Bean, que coletou os melhores dados sobre os preços, juntou-se a Robert Paul Thomas na argumentação de que o mercado atlântico de escravos era competitivo e não se prestava a benefícios monopolistas, já que os mercadores europeus podiam fugir ao aumento dos preços, variando de porto<sup>35</sup>. A posição contrária baseia-se no argumento de que esses mercadores, necessitados de rapidez de giro e de boas relações com seus fornecedores, estavam amarrados a um único porto. Mas, mesmo sem lucros monopolistas, alguns exportadores — aqueles que conseguiam obter escravos a um custo excepcionalmente baixo e que ainda assim os vendiam ao preço usual de mercado — podem ter obtido altas taxas de lucro através de rendas econômicas. A renda africana com o comércio de escravos, que acompanhou o aumento de preços da virada do século XVIII, era quase inteiramente dispendida em bens importados: o volume e o valor dessas importações, assim, aumentaram drasticamente, ao mesmo tempo que as exportações.

(32) Curtin, *Economic Change in Precolonial Africa*, 1: 157-68.

(33) LeVeen, "The African Slave Trade Supply Response", *African Studies Review*, 18 (1974): 9-28.

(34) Manning, *Slavery, Colonialism and Economic Growth in Dahomey*, 40-42; e Northrup, *Trade without Rulers*, 55.

(35) Richard Nelson Bean e Robert Paul Thomas, "The Fishers of Men: the Profits of the Slave Trade", *Journal of Economic History*, 34 (1974): 885-94.

Os aumentos repentinos do lucro mercantil e do volume de bens importados começaram, simultaneamente, a debilitar o tamanho da população africana. Ficou estabelecido, através do método de projeção das origens étnicas das exportações a partir dos inventários de escravos do Novo Mundo, que os escravos da Baía de Benin provinham quase inteiramente dos povos de língua Aja, no interior ou nas imediações do reino de Dahomé, próximo da costa. Toda a drenagem populacional da Baía de Benin concentrava-se nesse grupo, que sofreu uma perda anual estimada em 3% da população durante quarenta anos consecutivos. Isso foi suficiente para reduzir substancialmente a população Aja no transcurso de um século, tanto em termos absolutos quanto em comparação com outros grupos étnicos da região, especialmente os Yoruba<sup>36</sup>.

O aumento dos preços de escravos no Novo Mundo influenciou o comércio nas savanas do Norte da África. A escalada dos preços estimulava o envio de escravos homens do interior do continente, onde não eram muito solicitados, para o litoral. As mulheres escravas quase nunca eram submetidas à longa caminhada até a costa, já que o alto preço que atingiam nos mercados do Oriente Médio e da própria África desincentivava sua remessa aos europeus<sup>37</sup>. A elevação dos preços no Novo Mundo causava, no entanto, uma elevação semelhante no Oriente Médio, o que inibiu a demanda e diminuiu o volume das exportações através do Saara e do Mar Vermelho.

As exportações litorâneas de jovens escravos, cujo número de homens era duas vezes maior do que o de mulheres, modificavam a estrutura da população e a organização da sociedade. Criou-se um excedente de mulheres que reforçou a poliginia e fez com que em muitos lugares elas substituíssem os homens no trabalho. Por mais arraigadas que fossem, as tradições africanas de estrutura familiar e divisão do trabalho não poderiam resistir à pressões demográficas dessa ordem. A tradição de trabalho feminino na agricultura da região matrilinear do Zaire e de Angola talvez tenha sido reforçada pela necessidade de adequação à diminuição do número de homens para a produção<sup>38</sup>. Do mesmo modo, a instituição da poliginia, embora precedesse o comércio de escravos, cresceu com o excedente de mulheres. Esse excedente, além disso, fazia com que os homens não precisassem esperar até completar aproximadamente 30 anos para se casarem com sua primeira e segunda esposas. O medo da escravização pode, de fato, ter encorajado os homens a casar ainda jovens<sup>39</sup>. Na região das savanas, apesar da relativa diminuição da população feminina, causada pelas exportações para o Oriente Médio, a poliginia continuou largamente difundida. Nas áreas, no entanto, em que as mulheres escasseavam, constituía um privilégio reservado aos velhos e aos poderosos, ao passo que, nas regiões com um excedente feminino, encontrava-se ao alcance da maior parte dos adultos.

Há nos estudos históricos e antropológicos da escravidão africana frequentes tentativas de classificação de seus diversos sistemas. Procura-se

(36) Manning, *Slavery, Colonialism and Economic Growth in Dahomey*, 32-33, 335-43.

(37) Manning, "The Enslavement of Africa", 552.

(38) É preciso frisar, no entanto, que a mão-de-obra predominante na agricultura, em regiões do Sul da África onde poucos escravos foram exportados, era feminina.

(39) Isto é, a situação pode ter sido análoga à tendência que os homens têm de casar-se cedo quando estão sendo convocados para uma guerra.

realçar, empregando em geral uma terminologia dualista, dois tipos principais. Assim, distingue-se a escravidão "islâmica" das savanas da escravidão "por linhagem" da costa; a escravidão "baseada no mercado" das *plantations* da escravidão "de fundo parental", com seu caráter assimilativo<sup>40</sup>. Essas categorias históricas e antropológicas conjugam-se bastante bem, no entanto, com as distinções demográficas entre a costa ocidental da África e as savanas do norte; a escravidão no litoral era fundamentalmente de mulheres, enquanto nas savanas, de homens. A escravidão "por linhagem", "de fundo parental" e "absorcionista" refere-se às mulheres trazidas para as famílias, onde serviam seus donos como domésticas, tornavam-se esposas ou concubinas e cujos filhos acabavam adquirindo direitos. A escravidão "islâmica", "baseada no mercado", é constituída por homens, isolados em aldeias de escravos, produzindo para o mercado e frequentemente sem nenhum vínculo familiar, que compunham assim, com bastante nitidez, uma classe isolada, subordinada e servil. Essa escravidão predominantemente masculina das savanas existia desde que a exportação da região do Saara carregava consigo o excedente de mulheres; os escravos produziam para os palácios e abasteciam o mercado local. Embora de duração relativamente longa, esse sistema só crescerá significativamente no final do século XVIII. A escravidão predominantemente feminina da costa, ao contrário, teve um crescimento súbito, região depois de região, que acompanhou a ascensão do comércio de exportação de escravos. Não será difícil, assim, observar mudanças significativas na estrutura familiar e institucional da região litorânea nos séculos XVII e XVIII<sup>41</sup>.

A demanda por escravos afetou as sociedades africanas não apenas por introduzi-las na trama das exportações de escravos como também por fazer com que tentassem extingui-la. O reino de Benin conseguiu deixar de fornecer escravos no início do século XVI. O império de Oyo, embora tivesse reputação de participar há muito tempo do tráfico, provavelmente contribuiu para ele de modo extremamente reduzido até o século XVIII. Boubacar Barry interpretou os eventos políticos no reino de Waalo, do Senegal, em fins do século XVII, como uma tentativa abortada de escapar ao comércio de escravos<sup>42</sup>. A questão das tentativas de fugir ao tráfico causou controvérsia no caso do reino do Dahomé. Há alguma plausibilidade na noção de que, numa área assolada pelo tráfico, despovoada, acometida de guerras altamente destrutivas, um estado acabaria tentando conquistar o outro para terminar com os conflitos e evitar um colapso social. O que ainda não se sabe é se as guerras do rei Agaja, na década de 1770, representam ou não uma tentativa nesse sentido. A invasão e subjugação de Dahomé pelo distante mas poderoso Oyo impossibilitou, no entanto, a criação desse estado Aja expandido, e de 1730 a 1830 o Dahomé deparou com um conjunto de inimigos enfraquecidos mas de forma alguma entregues. Essas guerras mortais acabavam por fornecer um número inusualmente amplo de trabalhadores escravos para o Novo Mundo<sup>43</sup>.

O caso de Asante, a oeste, representa uma resolução levemente di-

(40) Martin Klein e Paul E. Lovejoy, "Slavery in West Africa", em Genery e Hengdom, *The Uncommon Market*, 203; Suzanne Miers e Igor Kopytoff, "African Slavery as an Institution of Marginality", em Miers e Kopytoff, *Slavery in Africa*, 3-81, e James L. Watson, "Slavery as an Institution, Open and Closed Systems", em *Asian and African Systems of Slavery*, ed. Watson (Berkeley e Los Angeles, 1980), 1-15.

(41) Meillassoux, "Rôle de l'esclavage dans l'Histoire d'Afrique Occidentale", 123-28; e Paul Lovejoy, "Plantations in the Economy of the Sokoto Caliphate", *Journal of African History*, 19(1978): 349-51. De acordo com Wyatt MacGaffey, para as populações da bacia do Congo, "não apenas o grau de estratificação mas a ênfase matrilinear são resultados da influência do comércio atlântico num sistema fundamentalmente bilateral"; MacGaffey, "Lineage, Structure, Marriage, and the Family amongst the Central Bantu", *Journal of African History*, 24 (1983): 184.

(42) Ryder, *Benin and the Europeans*; Robin Law, *The Oyo Empire, c.1600-c.1836* (Oxford, 1977), 151, 158, 176-77; Manning, *Slavery, Colonialism and Economic Growth in Dahomey*, 31; e Barry, *La Royaume de Waalo: le Sénégal avant la Conquête*. (Paris, 1972), 142-59.

(43) David Henige e Marion Johnson, "Agaja and Slave Trade: Another Look at the Evidence", *History in Africa*, 3, (1976): 57-68; e Manning, *Slavery, Colonialism and Economic Growth in Dahomey*, 42.

ferente do mesmo problema. Asante pegou em armas no final do século XVII, desafiou Denkyra, o estado dominante na Costa do Ouro, e conseguiu afinal incorporar quase todos os povos da língua Twi. Isso explica o declínio na exportação de escravos de Asante a partir de 1730, mais ou menos; os escravos exportados da Costa do Ouro nos anos subsequentes provinham fundamentalmente dos povos Voltaic, do interior<sup>44</sup>. Em Oyo, foi somente depois de uma crise constitucional e de uma série de disputas intestinas que, na década de 1770, o comércio de escravos tornou-se significativo, tendo sua magnitude aumentado proporcionalmente à decadência do estado<sup>45</sup>. Assim, embora o tráfico certamente afetasse organizações políticas, a natureza dessa influência variava de caso para caso; há exemplos, como o de Oyo, em que as questões políticas internas afetavam mais o tráfico do que este afetava os assuntos internos.

O conjunto do impacto demográfico do comércio de escravos sobre o continente atingiu seu pico em fins do século XVIII, quando as exportações chegaram a uma média de 100 mil indivíduos por ano, e mantiveram esse elevado nível até o início do século XIX. Durante esse período, os focos de escravidão moveram-se do oeste para o leste e da costa para o interior. A conclusão mais apropriada para essa época, seria, portanto, a de que as exportações de escravos causaram uma diminuição na população do continente.

Um dos métodos de avaliação da perda populacional em determinados grupos étnicos pressupõe, como já foi dito acima, a elaboração de um inventário das origens étnicas dos escravos do Novo Mundo<sup>46</sup>. Uma segunda abordagem parte da observação de regiões inteiras, procurando avaliar a capacidade das populações locais de reproduzir-se apesar das perdas populacionais causadas pelo tráfico. Roger Anstey, David Northrup e, de modo mais efetivo, John Thornton, utilizaram esse método com bons resultados<sup>47</sup>. As conclusões de Thornton indicam um declínio populacional em toda a região do Congo e de Angola durante o século XVIII e sugerem, além disso, que somente com muita dificuldade a maior parte das regiões da costa ocidental da África suportou a pressão do comércio de escravos em seu auge. Uma terceira abordagem, de alcance continental, foi adotada por Joseph Inikori. Ao invés de tratar da efetiva diminuição populacional, seu método baseia-se na diferença entre a população africana real e a sua dimensão provável na ausência das exportações de escravos<sup>48</sup>.

A simulação por computador oferece ainda um outro método para tentarmos avaliar o impacto do tráfico. Cria-se, neste caso, uma população africana modelo, dividida em grupos invasores e grupos invadidos, à qual se atribui uma série de padrões demográficos e de comércio de escravos: fertilidade, mortalidade, composição etária e sexual da população capturada, divisão dos cativos em escravos domésticos e exportados, e assim por diante<sup>49</sup>. As projeções preliminares dos resultados desses modelos indicam que o comércio de escravos causou perdas que, se não chegaram a ser devastadoras para o continente, certamente foram bastante severas. Na

(44) K.Y. Daaku, *Trade and Politics on the Gold Coast 1600-1720* (Oxford, 1970).

(45) Law, *The Oyo Empire*, 265-66, 281-82; e Manning, *Slavery, Colonialism and Economic Growth in Dahomey*, 45. Um ponto de vista contrário encontra-se em Paul E. Lovejoy, *Transformations in Slavery: a History of Slavery in Africa* (Cambridge, 1983), 78-80.

(46) Ver acima, nota 36.

(47) Anstey, *The Atlantic Slave Trade and British Abolition*, 79-82; Northrup, *Trade without Rulers*, 81-82; e Thornton, "Demographic Effect of the Slave Trade on Western Africa", 709-14.

(48) Inikori, introdução a *Forced Migration*.

(49) Patrick Manning, "The Impact of Slave Exports upon Africa: a Demographic Simulation", estudo apresentado no encontro anual da Canadian Association of African Studies, efetuado em Toronto, de 11 a 14 de maio de 1982.

costa ocidental, região com população estimada, em 1700, em 25 milhões, mais ou menos 6 milhões de escravos partiram no transcurso do século. Sugere-se como número total de escravos capturados algo em torno de 12 milhões, com 4 milhões entregues à escravidão doméstica e mais de 2 milhões mortos no transcurso do processo de escravização<sup>50</sup>. Submetida a tais condições, a população africana em 1800 era substancialmente menor do que seria sem o tráfico. No caso das savanas do norte e do Chifre da África, cujas exportações raramente ultrapassavam a casa dos 20 mil por ano, as perdas foram sentidas de modo mais agudo do que os números sugerem, devido à predominância de mulheres capturadas. Essas regiões não foram provavelmente capazes, por causa disso, de experimentar um aumento populacional nos séculos XVII e XVIII.

A drenagem populacional causada pelo comércio de escravos conjugava-se com a seca e a falta de alimentos, periódicas no continente. A experiência do século XIX indica que esses fatores serviram ao mesmo tempo para aumentar e diminuir a exportação.

Quando chegavam os tempos mais difíceis, os destituídos vendiam-se a si mesmos ou a seus filhos como escravos; por outro lado, a redução populacional causada pela fome diminuía o número de escravos disponíveis<sup>51</sup>. Stephen Baier e Paul E. Lovejoy levantaram uma boa documentação a respeito da grande seca das savanas do norte em meados do século XVIII, que trouxe consigo a miséria, a migração e o declínio econômico. A recuperação climática das décadas posteriores trouxe o crescimento econômico de volta, que se refletiu tanto no aumento da exportação de escravos quanto na ascensão do califado de Sokoto<sup>52</sup>. Jill Dias e Joseph G. Miller levantaram boa documentação a respeito de um ciclo de seca, fome e epidemia que restringiu severamente o crescimento populacional de Angola<sup>53</sup>. Esses controles malthusianos nas dimensões da população fornecem uma evidência básica da necessidade de diminuir as estimativas de Inikori para a população africana na ausência do tráfico: ela seria sem dúvida substancialmente maior, mas não conhecemos ainda suficientemente os efeitos da fome e da doença para saber em que proporção. Miller, no entanto, talvez tenha ido longe demais ao sustentar que os limites impostos pela doença e pela seca adquiriam proporções tais que deveriam, mais do que o comércio de escravos, ser responsabilizados pelas dimensões da população angolana<sup>54</sup>.

Foi no final do século XVIII que os efeitos da exportação de mulheres das regiões da costa chegaram ao máximo. Os resultados dos modelos de simulação sugerem que, enquanto a proporção sexual entre essas populações que perderam escravos permaneceu mais ou menos igual, a proporção de mulheres adultas em relação aos homens subiu substancialmente na costa ocidental como um todo: seria de mais ou menos seis para cinco entre as populações invasoras<sup>55</sup>. Mas a disparidade sexual aumenta nas áreas com menor participação na exportação de escravos. As análises de

(50) Notar que estamos lidando aqui com estimativas do número total de pessoas escravizadas no transcurso de um século; o número de pessoas em escravidão doméstica no final do século seria, provavelmente, menor.

(51) Gerald W. Hartwig, "Demographic Considerations in East Africa during the Nineteenth Century", *International Journal of African Historical Studies*, 12 (1979): 659-72.

(52) Lovejoy e Baier, "The Desert-Side Economy of the Central Sudan", *International Journal of African Historical Studies*, 8 (1975): 570-74.

(53) Jill R. Dias, "Famine and Disease in the History of Angola, c. 1830-1930", *Journal of African History*, 22 (1981): 360-62; e Miller, "The Significance of Drought, Disease, and Famine", 17-62.

(54) Miller, "The Significance of Drought, Disease, and Famine", 30.

(55) Manning, "The Impact of Slave Exports upon Africa", 8.

John Thornton dos censos portugueses sobre Angola indicam que a proporção de mulheres adultas em relação aos homens chegava a ser de dois para um. Isso mostra, de um lado, como as sociedades africanas esforçavam-se para fazer frente a um esgotamento populacional de grandes dimensões sem diminuir sua capacidade reprodutiva; o povo de Angola tornou-se, virtualmente, um rebanho esperando para ser abatido. Por outro lado, para cada dois ou três homens, uma mulher era exportada, e esta perda de potencial reprodutivo feminino tornou a sobrevivência ainda mais difícil para a população. Em Angola, o peso do trabalho na agricultura recaiu sobre as mulheres que ali permaneceram, e a incidência de poliginia manteve-se alta.<sup>56</sup>

No final do século XVIII, o nível da demanda do Novo Mundo por escravos mantinha-se de certa forma baixo. Foi nessa época somente que a quantidade de escravos saídos da África Ocidental começou a declinar — e isto por duas razões. Em primeiro lugar, a região simplesmente não podia continuar a fornecer escravos nas proporções anteriores; em segundo lugar, os preços dos escravos vendidos na costa ocidental diminuíram (em termos reais). O primeiro destes fatores fez com que os mercadores dobrassem o Cabo da Boa Esperança atrás de novos suprimentos na África Oriental; o segundo permitiu que os compradores africanos e do Oriente Médio aumentassem suas aquisições, já que os preços passaram a conjugar-se com seu poder de compra.

O comércio de escravos na África Oriental começou a expandir-se, em fins do século XVIII, como resultado direto das mudanças no outro lado do continente. Esse tráfico, que cresceu e decaiu em um século, tinha dois ramos básicos: o primeiro enraizava-se nas plantações européias que utilizavam mão-de-obra escrava, localizadas de início no Novo Mundo e depois nas ilhas do Oceano Índico, ao passo que o segundo nutria-se do sistema escravocrata em crescimento do Oriente Médio, o que incluía as plantações de Zanzibar e da costa do Quênia. O primeiro requistava exportações de um grupo predominantemente masculino, ao contrário do segundo, que, em sua parcela oceânica, requistava basicamente mulheres.<sup>57</sup>

O crescimento da demanda dos mercados da África e do Oriente Médio causou também uma dilatação do tráfico e da escravidão nas savanas do Norte. O aumento do volume de escravos exportados do Norte da Nigéria para a costa, na década de 1870, pode ser relacionado com isso. Não temos condições de precisar se esse crescimento foi causado por guerras que, no modelo político de Curtin, seriam resultado de um aumento do fervor religioso ou se foi o crescimento da demanda de escravos que causou essa proliferação de guerras, o que por sua vez teria solicitado uma justificativa religiosa. O entusiasmo reformista de Usman dan Fodio pode ser compreendido, de um lado, como elemento responsável pela criação do califado de Sokoto, tomando-se os cativos e o comércio de escravos como um efeito colateral disso; por outro lado, pode-se compreendê-

(56) Thornton, "The Slave-Trade in Eighteenth-Century Angola", 422-25; e Manning, "The Enslavement of Africans", 521-23.

(57) Ralph A. Austen, "From the Atlantic to the Indian Ocean: European Abolition and Asian Economic Structures", em *The Abolition of the Atlantic Slave Trade*, ed. por David Eltis e James Walvin, (Madison, Wisc., 1981), 117-40.



lo como a reorganização política de uma sociedade cuja produção tornava-se cada vez mais dependente do trabalho escravo<sup>58</sup>. Seja qual for a conexão causal, as inter-relações tiveram uma nítida importância.

A riqueza recolhida pelos mercadores de escravos, mesmo depois da queda dos preços, mantinha-se num patamar extraordinário. Em termos reais, os preços dos escravos eram quatro vezes maiores no século XVIII do que no século XVII e, como o custo físico de entrega de escravos não pode ter crescido nessa proporção, muito desse aumento deve ser atribuído ao lucro. O custo de captura manteve-se sempre baixo, o mesmo acontecendo com o preço dos escravos comprados em pontos próximos aos locais de captura, que Curtin caracterizou apropriadamente como o preço de venda de bens roubados<sup>59</sup>. O restante era coberto pelos custos de transporte, alimentação e outros suprimentos para os escravos, e pelas taxas, comissões e subornos que tinham de ser pagos tanto para mantê-los como para transportá-los. A necessidade de alimentação e de outros suprimentos levou ao desenvolvimento de um mercado de provisões ao longo das rotas usuais do tráfico. As taxas e benefícios assentaram as bases do crescimento de uma classe comercial e aristocrática, que utilizava sua riqueza não apenas para adquirir bens importados como para comprar posições de influência na sociedade doméstica. Como assinalou Paul Lovejoy a respeito do século XVIII, "ao invés do estado controlar o comércio, os mercadores é que dominavam o governo"<sup>60</sup>.

Embora o comércio de escravos possibilitasse a ascensão de uma classe rica e restritiva, somente uma pequena parcela dos bens importados poderia ser apropriadamente classificada como luxuosa. Gastava-se normalmente a maior parte do valor das importações em artigos têxteis, produzidos inicialmente na Índia e depois, com a ascensão de Manchester, na Inglaterra. Já os produtos têxteis de luxo, na África, eram feitos ali mesmo; os artigos importados, se coloridos (atingindo, nesse caso, um grande número de consumidores) eram classificados como baratos<sup>61</sup>. O artigo importado de maior relevância, depois dos têxteis, era dinheiro — cauris das Maldivas, ouro do Brasil, a moeda de prata européia, anéis de cobre, cânhamo-de-manilha e numerário de pano. O comércio de escravos esteve, dessa forma, estreitamente ligado à expansão dos suprimentos de dinheiro em diversas regiões da África<sup>62</sup>. E também nesse caso todos os segmentos da sociedade, e não apenas uma elite, estavam de alguma forma ligados a ele. Ferro, sal e bebidas alcoólicas eram os outros principais produtos importados, já que o suprimento europeu desses artigos era mais barato do que o africano. A importação de ferro, por exemplo, acabou por diminuir a mineração de ferro no continente, embora incentivasse, por outro lado, a profissão de ferreiro. A importação de armas de fogo, por fim, — embora ainda não assumisse o caráter militarmente decisivo do século XIX —, foi capaz de decidir a sorte de diversas empreitadas militares. Embora raramente ultrapassasse uma pequena parcela do valor das importa-

(58) Lovejoy, "Plantations in the Economy of the Sokoto Caliphate", 349-51; Manning, *Slavery, Colonialism, and Economic Growth in Dahomey*, 30-45; e R.S. O'Fahey, "Slavery and the Slave Trade in Dar Fur", *Journal of African History*, 14 (1973): 29-43.

(59) Philip D. Curtin, "The African Diaspora", *Historical Reflections*, 6 (1979): 14-16.

(60) Lovejoy limitou esta caracterização, no entanto, a cidades com mercado e portos marítimos; ver a respeito seu *Transformations in Slavery*, 101; e Robert W. Harms, *River of Wealth, River of Sorrow: the Central Zaire Basin in the Era of the Slave and Ivory Trade* (New Haven, 1981) 30-39, 43-47.

(61) Marion Johnson, "Technology, Competitions and African Crafts", em *The Imperial Pact: Studies in the Economic History of Africa and India* (Londres, 1978), 259-69.

(62) Sobre o emprego de cauris como moeda, ver Jan S. Hogendorn e Marion Johnson, "A New Money Supply Series for West Africa in the Era of the Slave Trade: the Import of the Cowry Shell from Europe", em *Slavery and Abolition* (a sair) e *Shell Money of the Slave Trade* (a sair). Sobre a importação de ouro, ver Kea, *Settlements, Trade, and Politics in the Seventeenth-Century Gold Coast*; sobre a importação de numerário de pano, ver Curtin, *Economic Change in Precolonial Africa*, 1: 237-39; e, sobre dinheiro feito de cânhamo-de-manilha e de cobre, ver Northrup, *Trade without Rulers*, 161-65.

ções, o volume de armas importado sempre acompanhou o do comércio de escravos<sup>63</sup>.

Na metade do século XIX, acontecera uma dramática inversão no comércio atlântico de escravos. Quase todas as regiões do Novo Mundo haviam abandonado o tráfico e nas demais áreas de demanda — Cuba e Brasil — ele se tornara ilegal. Disso resultou que, embora o preço dos escravos subisse consideravelmente no Novo Mundo devido à escassez de novas importações, a demanda por exportações a qualquer preço caiu significativamente na costa da África. Como os dados disponíveis sobre os preços no início do século XIX são bastante escassos e algo contraditórios, o momento exato do declínio ainda está por ser confirmado. Mas é bastante evidente que, em algum ponto entre 1780 e 1850, eles reduziram-se à metade<sup>64</sup>. Os mecanismos de fornecimento de escravos permaneciam no entanto de pé, e uma saturação foi ganhando contornos evidentes. Isso causou uma mudança geral no caráter da escravidão africana, que ampliou-se enormemente, embora talvez o número total de indivíduos capturados não tenha aumentado significativamente: é que o preço dos escravos, em particular os do grupo masculino, passavam a estar ao alcance do comprador africano.

Na medida em que mais mulheres permaneciam na África, o número de nascimentos cresceu enormemente; o contínuo desfalque na população adulta masculina também caminhava para um fim, embora os processos de escravização para o mercado africano fossem ainda responsáveis por um índice de mortalidade significativo. Essas mudanças trouxeram consigo um rápido crescimento populacional<sup>65</sup>. O grande número de escravos adultos baratos tornava a situação da costa parecida com a das savanas, onde os escravos eram usados na agricultura. As regiões litorâneas desenvolviam agora plantações que, utilizando-se de mão-de-obra escrava, tinham em vista os habitantes da corte, o mercado africano e o de exportação. O crescimento de meados do século XIX nas exportações de óleo de palmeira, café e amendoim não refletiu apenas, portanto, o aumento da demanda européia, mas também um declínio significativo no custo da produção, provocado pela diminuição do preço dos escravos<sup>66</sup>.

A população em crescimento caminhava rapidamente para uma paridade global na razão de sexo. Homens ricos e poderosos conseguiam ainda montar seus haréns, mas o excedente feminino não permitia mais que uma grande quantidade de homens tivesse segundas mulheres ainda jovens. A antiga escravidão de "fundo parental" das regiões da costa tendia a ser substituída por uma escravidão "baseada no mercado", na qual os homens viviam isolados em vilas de escravos e perdiam toda e qualquer possibilidade de ascensão na ordem social; as mulheres, de outro lado, também isoladas em vilas, incapazes de experimentar uma integração progressiva na família de seus donos, tornavam-se parte de uma classe oprimida<sup>67</sup>.

O declínio do preço de escravos causou uma transferência de riquezas substancial na África. Anteriormente, os mercadores e os coletores

(63) J.E. Inikori, "The Import of Firearms into West Africa, 1750-1807: a Quantitative Analysis", *Journal of African History*, 18, (1977), 339-68.

(64) Os preços mostrados no gráfico 2 para o período 1790-1850 basearam-se em E. Philip LeVeen, *British Slave Trade Suppression Policies — 1821-65* (Nova York, 1977), 3, 113. Esses preços estão indicados ali de forma apenas sumária e sem indicação de fonte, de modo que, ao que tudo indica, o trabalho de documentá-los ainda está pela metade. Os preços cuidadosamente calculados por Philip Curtin para a Senegâmbia mostram um crescimento ao máximo na década de 1830, seguido por um declínio; Curtin, *Economic Change in Precolonial Africa*, 2: 51-53. Ver também David Tambo, "The Sokoto Caliphate Slave Trade in the Nineteenth Century", *International Journal of African Historical Studies*, 9 (1976): 187-217; e Gwyn Campbell, "Madagascar and the Slave Trade — 1810-1895", *Journal of African History*, 22 (1981): 203-27.

(65) Thornton, "Demographic Effect of the Slave Trade on Western Africa", 426.

(66) A.J.H. Latham, *Old Calabar, 1600-1891* (Oxford, 1973), 91-96; e George E. Brooks, "Peanuts and Colonialism: Consequences of the Commercialization of Peanuts in West Africa, 1830-70", *Journal of African History*, 16 (1975): 49-50.

(67) Latham, *Old Calabar, 1600-1891*, 94-96, 121.

de taxas, lucrando com a grande diferença entre o custo inicial do escravo, que permanecia baixo, e seu preço final no mercado, ficavam com a maior parte da riqueza. Ao deixar de ser sustentado pela demanda do Novo Mundo, o preço caiu; enquanto o preço final conseguiu, no entanto, manter-se acima do custo inicial de aprisionamento, os índices de fornecimento foram mantidos. A margem de lucro mercantil foi, assim, esmagada sem piedade pelas forças do mercado. Alguns mercadores simplesmente perderam suas fortunas, caso por exemplo dos comerciantes Bobangi do rio Congo e de Francisco Felix de Souza, na Baía de Benin<sup>68</sup>. Outros conseguiram investir suas riquezas em terras e beneficiar-se com a exploração direta, e não mais com a venda de escravos. Esse período assistiu, assim, ao crescimento de um mercado de terras ativo. Especuladores abonados tentavam controlar, através de compras e de ações políticas, as terras mais apropriadas à agricultura, de modo a transformar-se, utilizando mão-de-obra escrava, em grandes fazendeiros<sup>69</sup>. No início do período colonial os europeus depararam, portanto, com um rápido crescimento populacional e disputas pela posse da terra, embora esses fenômenos pudessem já ser identificados desde antes da conquista européia até o término do comércio de exportação de escravos.

Na África Oriental, o tráfico atingiu seu cume na metade do século XIX, e a movimentação de grandes aglomerados populacionais criou um tumulto político na região, além de estimular a expansão de diversas doenças: a cólera e a varíola, em especial, seguiram as pegadas do comércio de escravos. A fortuna dos mercadores da África Oriental nunca atingiu um patamar comparável à dos que os precederam na África Ocidental, já que os preços ali sempre mantiveram-se mais baixos; o *boom* do marfim, no entanto, ofereceu-lhes alguma compensação. As plantações que utilizavam mão-de-obra escrava, ao contrário, desenvolveram-se tão bem na África Oriental como em qualquer outro ponto do continente, servindo tanto ao mercado interno quanto ao de exportação (especialmente na produção de cravo-da-índia)<sup>70</sup>.

A conquista da África pelos europeus trouxe consigo, de modo quase imediato, o final das incursões para captura e comércio de escravos. Mas nenhuma ação emancipatória firme foi desencadeada para libertá-los; o processo foi tão prolongado e protelado que o termo em uso no Novo Mundo, "emancipação", foi trocado na maior parte dos documentos africanos pelo passivo "declínio da escravidão"<sup>71</sup>. Com a conquista, muitos escravos, especialmente os homens, fugiram, e diversos outros, mulheres em sua maioria, permaneceram com seus donos depois de negociarem novas condições de servidão. As administrações coloniais, que não queriam recompensar os donos de escravos mas certamente não desejavam também enfrentar a ira dos que eram forçados e soltá-los sem nenhuma recompensa, tendiam geralmente a assegurar a liberdade das crianças nascidas depois de determinada data<sup>72</sup>. Mas, com raras exceções, a força dos conquistadores europeus e o voluntarismo dos escravos africanos foram bem mais

(68) Harms, *River of Wealth, River of Sorrow*, 156-59; e J. Michael Turner, "Les Bresiliens: The Impact of Former Slaves upon Dahomey" (dissertação de Ph. D., Boston University, 1975), 88-89.

(69) A.G. Hopkins, "Economic Imperialism in West Africa: Lagos, 1880-92", *Economic History Review*, 21 (1968): 580-606.

(70) Cooper, *Plantation Slavery on the East Coast of Africa*.

(71) Um excelente estudo, que utiliza essa terminologia e indica também por que ela foi adotada, encontra-se em Richard Roberts e Martin A. Klein, "The Banamba Slave Exodus and the Decline of Slavery in the Western Sudan", *Journal of African History*, 21 (1980): 375-94.

(72) Patrick Manning, "Un Document sur la Fin de l'Esclavage au Dahomey", *Notes Africaines*, 147 (1975): 88-92; e Frederick D. Lugard, *The Dual Mandate in British Tropical Africa* (Londres, 1922), 365, 372, 375-76.

importantes para o término da escravidão no continente do que qualquer intervenção de figuras preeminentes no interior da sociedade africana.

Os africanos proprietários de escravos reconheceram, portanto, a ameaça fundamental do ataque europeu; estavam prestes a perder não apenas sua soberania como a totalidade dos benefícios do sistema econômico no qual se baseavam. É assim que uma das maiores revoluções religiosas da África, o movimento mahdista da região sudanesa do Nilo, pode ter sido causado tanto por questões econômicas como por questões de fé. Em 1877, Khediv Isma'il, o administrador egípcio do Sudão, concluiu um acordo antiescravocrata com a Grã-Bretanha e indicou o general-de-divisão Charles George Gordon como governador do Sudão. Aqueles que se juntaram então ao Mahdi para proclamar um estado teocrático firmemente governado incluíam mercadores de escravos e donos de terras cujas vilas de escravos produziam cereais e manufaturas para o mercado doméstico e para exportação<sup>73</sup>. Sua vitória sobre Gordon em 1885 permitiu que, ainda por mais de uma década, dirigissem um sistema econômico largamente apoiado no trabalho escravo.

O sistema africano de escravidão, bastante alheio às tentativas européias de dismantlar o modo de produção baseado no trabalho escravo que vigorava no continente, tendia a evoluir, pressionado por um crescimento de escala, em duas direções e essencialmente contraditórias. De um lado, as vilas de escravos cresceram tanto que o problema de controle social tornou-se sério. No califado de Sokoto e em Zanzibar, os proprietários compreenderam que o oferecimento de companheiras aos escravos poderia auxiliá-los nesse ponto; no califado de Sokoto, a escravidão transformava-se num tipo de servidão, o que restringia os abusos e o teor destrutivo do sistema<sup>74</sup>. De outro lado, no entanto, o valor decrescente dos escravos fazia com que fossem mais facilmente sacrificados. Nas empreitadas militares das savanas ocidentais, no final do século XIX, os prisioneiros homens, tornados uma ameaça pela sua capacidade de resistência e cujo valor de mercado era baixo, eram simplesmente executados. O conhecido aumento no número de sacrifícios humanos nos reinos de Daomé e Benin pode ser igualmente relacionado não apenas às pressões da iminente conquista européia como também à diminuição do valor dos escravos. Além disso, a incidência de acusações de feitiçaria e de execuções relacionadas com isso parecem ter também aumentado nesse período, o que exemplifica, mais uma vez, tanto a queda de valor dos indivíduos quanto as pressões psicológicas sobre as sociedades que deparavam com a conquista<sup>75</sup>.

Ao esmagar o sistema de trabalho escravo africano, os conquistadores europeus criavam uma equalização social no continente. Os escravos utilizavam sua crescente liberdade para buscar um status melhor, ao passo que aqueles cuja riqueza provinha do tráfico tinham de transferi-la para outras fontes, sob pena de simplesmente perdê-la. Mas a mudança no sistema de trabalho africano, apesar de substancial, não foi de forma alguma

(73) Gabriel R. Warburg, "Ideological and Practical Considerations Regarding Slavery in the Mahadist State and Anglo-Egyptian Sudan, 1881-1918", em *The Ideology of Slavery in Africa* (Beverly Hills, Calif., 1981), 248-57, ed. por Paul E. Lovejoy.

(74) Paul E. Lovejoy, "Characteristics of Plantations in Nineteenth-Century Sokoto Caliphate (Islamic West Africa)", *AHR*, 84 (1979): 1269, 1290-92; e Cooper, *Plantation Slavery on the East Coast of Africa*, 221-3.

(75) Wyatt MacGaffey relata que, "ao descrever Angola na década de 1880, Monteiro assinalou que as acusações de feitiçaria constituíam a principal fonte de obtenção de escravos para exportação; a diminuição do tráfico teria causado, segundo ele, um aumento no número de execuções". MacGaffey, "Economic and Social Dimensions of Kongo Slavery (Zaire)", em *Slavery in Africa*, 254, organizado por Miers e Köpff. Ver também Meillassoux, "Rôle de l'Esclavage dans l'Histoire d'Afrique Occidentale", 130; e Ryder, *Benin and the Europeans*, 247.

absoluta. Há um caso que explicita com perfeição a conexão entre os sistemas pré-colonial e colonial de migração de mão-de-obra: o Estado de Gaza, em Moçambique, capturava e exportava escravos para Madagascar e Mascarenas da metade do século até a década de 1870, passando, após essa data, a enviar homens contratados de modo muito semelhante para trabalhar nas minas da África do Sul<sup>76</sup>. Que um último exemplo baste para traçar a conexão entre os dois sistemas: a migração de trabalhadores Mossi para trabalhar nas fazendas de cacau da Costa do Ouro e da Costa da Prata assemelha-se muito à rota anterior dos escravos Mossi para a mesma área.

Escrevendo nos últimos dias da escravidão, etnólogos do início do século XX apresentaram a instituição como relativamente benigna, enfatizando as proteções legais e sociais que eram oferecidas aos escravos e as possibilidades de movimentação social ascendente de que dispunham<sup>77</sup>. Esses relatos — escritos depois que o comércio de escravos e as invasões cessaram e depois que os proprietários de escravos perderam o apoio do Estado — contrastam enormemente com as narrativas dos viajantes do século XIX, que falam de invasões brutais, imensas perdas de vidas humanas e exploração maciça dos escravos pelos senhores<sup>78</sup>. Cada uma dessas visões da escravidão africana adequava-se ao momento preciso em que foi escrita. Ambas foram alternadamente tomadas pelos estudiosos posteriores (especialmente a segunda) como caracterização apropriada da escravidão através dos séculos.

A visão de uma África emergente, fundamentada na suposta existência de contínuos estímulos à mudança no interior das sociedades africanas, sugere, sem oferecer alternativa, que essas duas visões estáticas das instituições servis não têm qualquer validade. A visão de uma *Afrique engagée*, ao reintroduzir explicitamente forças motrizes externas num quadro que supõe o dinamismo do continente, não apenas confirma essa asserção como consegue indicar a natureza e o ritmo de algumas importantes mudanças sociais africanas. Ao proceder assim, essa abordagem teórica deve admitir diversos tipos de interação. Em certos casos, as forças domésticas predominaram; a expansão e transformação da poliginia sob influência do comércio de escravos, por exemplo, deu-se a partir da presença anterior do casamento múltiplo no continente. Em outros casos, foi a influência externa que predominou: tanto o despovoamento quanto o impacto da importação de bens, por exemplo, representam o domínio das influências externas. A combinação precisa de forças domésticas e externas forneceu o impulso fundamental para determinadas mudanças, em especial no levante de Asante e Daomé, no colapso do Congo e na mútua correspondência entre o tráfico, a fome e as epidemias.

O retorno a essa complexidade crescente no quadro analítico deve-se nitidamente à inserção da sociedade africana numa perspectiva temporal<sup>79</sup>. A escravidão, ao lado de toda uma gama de instituições associadas, sofreu transformações demográficas, econômicas e políticas sucessivas ao longo dos séculos XVII, XVIII e XIX. Suzanne Miers e Igor Kopy-

(76) Patrick Harries, "Slavery, Social Incorporation, and Surplus Extraction: the Nature of the Free and Unfree Labor in South-East Africa", *Journal of African History*, 22 (1981): 317-20, 328-39.

(77) Ver, por exemplo, Northcote W. Thomas, *Anthropological Report on the Ibo-Speaking Peoples of Nigeria*, 4 vols. (1912-14; Nova York, 1969), 1: 103-07, e 2: 11-25; e Rattray, *Ashanti Law and Constitution*, 33-46.

(78) Os escritos de David Livingstone tiveram bastante projeção a esse respeito. Livingstone e Livingstone, *Expedition to the Zambesi*, 412-13, 481-98, 620-23; e Livingstone, *Last Journals*, 1: 62-65, 88-89, 97-98.

(79) Abordagens semelhantes têm sido utilizadas para outros tópicos da história da África pré-colonial. Veja-se, por exemplo, a respeito da influência islâmica no crescimento estatal, O'Fahey, *State and Society in Dar Fur*.

(80) Miers e Kopytoff, "African 'Slavery' as an Institution of Marginality", 3-7.

toff, num ensaio situado claramente no interior da tradição de uma África emergente, chegaram a criticar o uso do termo "escravidão" para a África, já que implicaria uma uniformidade das instituições maior do que as evidências indicam <sup>80</sup>. Sua ênfase na especificidade e nos recortes sociológicos dos sistemas africanos de escravidão é em princípio válida, mas bastante exagerada quando posta em prática. A essa especificidade sociológica deve ser acrescentada a especificidade temporal e histórica das sociedades africanas, na medida em que foram modificando-se pela ação dos diversos poderes criativos que traziam em seu interior e das pressões externas que se exerciam de modo variado sobre elas. Na época do comércio de escravos, as influências externas eram já suficientemente poderosas para ativar mudanças sociais comparáveis, em muitas regiões do continente, às que a conquista colonial viria a produzir, ainda que de forma totalmente diversa, dois séculos depois.

Patrick Manning é africanista, professor da Universidade de Boston.

---

Novos Estudos  
CEBRAP  
Nº 21, julho de 1988  
pp. 8 - 29

---